

O SER EM HEIDEGGER: MÍSTICA?

Valdemar Habitzreuter¹

Resumo: Heidegger foi um filósofo que revolucionou o mundo da Filosofia pela sua perspicácia em relação ao questionamento do ser (*sein*). Teve a ousadia de voltar à Antiguidade filosófica e tentar um novo começo para a Filosofia, já que o ser caíra no esquecimento e não mais pensado como ser, mas entificado por ela. Nessa investida de pensar o ser originariamente, supomos que, em Heidegger, há algum elemento que possivelmente adéqua-se a uma Mística em que a verdade do ser se manifeste ao *dasein* e uma nova perspectiva, um novo começo possa se descortinar. O pensamento contemplativo e a atitude de abertura em espera (*Gelassenheit*) proporcionariam a verdade do ser (*seyn*)²

Palavras chave: Mística. Heidegger. Ser. Pensamento. Gelassenheit.

Abstract: Heidegger was a philosopher who revolutionized the world of philosophy by his perspicacity in relation to the questioning of being. He had the audacity to go back to ancient philosophy and try a new start for philosophy, since being has fallen into oblivion and no longer thought as being, but taken as entity by it. In this charge for thinking being originally, we assume that in Heidegger there is some element that is suitable for a possible Mystic in which the truth of being become manifest to *dasein* and a new perspective, a new beginning could be unfold. The contemplative thought and the attitude of open waiting (*Gelassenheit*) would provide the truth of being.

Keywords: Mysticism. Heidegger. Being. Thought. Gelassenheit.

¹ Msc. Filosofia – Universidade Federal de Santa Catarina - E-mail: vhreuter@uol.com.br

² Heidegger em sua segunda fase filosófica substitui o termo *sein* por *seyn* para deixar patente a diferença do primeiro Heidegger em *Sein und Zeit*, significando, com esse termo, a verdade ou revelação do ser. Utilizo, em português, o termo *seer* em uma ou outra passagem para corresponder ao termo *seyn*, conforme Hebeche, em *A Terra do Nunca* (2009).

Introdução:

Sempre houve, na mais variegada literatura, um grande fascínio pelo tema da Mística. Muitos filósofos ocuparam-se dele ou trataram-no nas entrelinhas de suas obras, e Heidegger, como vamos ver, foi um deles. Proponho-me, neste artigo, analisar de como podemos fazer uma conexão entre mística e o questionamento do ser em Heidegger. Para tanto, valho-me de três tópicos que podem nos levar a afirmar essa possibilidade de um elemento místico em Heidegger.

Estabelecerei como pano de fundo, para este trabalho, o texto de Heidegger *Que é Metafísica?* onde ele aborda o problema do ser que não pode ser ‘desmascarado’ pela metafísica platônico-cristã, e arroga-se, assim, uma outra modalidade de filosofar para que o ser se manifeste em sua nudez: pensar o ser. Auxilio-me também das considerações de Hebeche em *Terra do Nunca* (sobre Heidegger em *Beiträge zur Philosophie*); de Safranski em *Heidegger, Um Mestre da Alemanha*; de Barbara Dalle Pezze em *Heidegger on Gelassenheit*; de Ben Vedder em *Heidegger’s Philosophy of Religion From God to the gods*; e de John Caputo em *The Mystical Element in Heidegger’s Thought*.

No primeiro tópico, discorro sobre o pensamento contemplativo que Heidegger cultivava para pensar verdadeiramente o ser. Mostro que esse empreendimento, de Heidegger pensar o ser como verdade (seyn), aponta para uma renúncia da metafísica tradicional que relegou o ser a segundo plano, e exploro o termo *Gelassenheit*, que Heidegger se apropria de Meister Eckart, para designar o abandono total e irrestrito do pensamento calculador na recepção da verdade do ser.

No segundo tópico, pretendo explorar a noção de ‘o último deus ou o novo começo’ que Heidegger prenuncia como a revelação da verdade do ser. É delineado aí que este deus não se coaduna com o Deus da metafísica judaico-cristã, mas trata-se de um deus insinuante, não se manifestando como algo presente, atual, mas apenas como uma insinuação em que algo se dá a conhecer de passagem. Delineio, neste sentido, que, ao ultrapassar sua racionalidade, *dasein* faz jus ao ‘último deus ou novo começo’, em que o ser é uma possibilidade como evento apropriador: o ser manifestando-se como possibilidade.

E, por fim, no último tópico, estabeleço uma comparação entre a mística de Eckart e o pensar a verdade do ser de Heidegger. Procuro analisar se há uma identidade entre a mística religiosa de Eckart e o pensar a verdade do ser em Heidegger. Para esse item, tecerei as considerações de Caputo para melhor entender as diferentes nuances entre os dois.

1. O pensamento contemplativo e *Gelassenheit*

*Die Ros' ist ohn warum,
sie blühet weil sie blühet.
Sie acht't nicht ihrer selbst,
fragt nicht, ob man sie siehet.*

(Angelus Silesius)

Heidegger empreende uma investigação do problema do ser, relegado ao esquecimento ao longo da História da Filosofia. Estaria ele renunciando uma mística do ser? A segunda fase filosófica de Heidegger identifica-se, para muitos, com um pensamento místico, quando o ser é pensado como verdade e reverenciado poeticamente. Mas, é possível situar Heidegger dentro das linhas do misticismo comumente identificado em movimentos religiosos e relacionado com a idéia de Deus? Não, exatamente. Antes, trata-se de um misticismo filosófico, independente de toda e qualquer crença ou dogmatismo. Baseia-se em pensar o Ser.

O ser - o que é o ser? (doch das sein – was ist das sein?) Ele é ele mesmo (es ist es selbst). Experimentar isto e dizê-lo é a aprendizagem pela qual deve passar o pensamento do futuro. O ser - isto não é Deus, nem um fundamento do mundo. O ser é mais amplo que qualquer ente, seja isso uma rocha, um animal, uma obra de arte, uma máquina, seja isto um anjo ou Deus. O ser é o mais próximo. E, contudo, a proximidade permanece para o homem, a mais distante³.

Tudo indica que achar uma mística na filosofia de Heidegger é sondar o *dasein* no seu movimento mundanizante, no seu cotidiano mais próximo, e não através de uma metafísica que pretende objetivar o ser num ente transcendente. O Deus da tradição não tem a ver com a mística do ser de Heidegger. Para Heidegger, esse Deus está superado e pretende estabelecer algo diferente em substituição ao Deus da metafísica. E, para isso, estabelece que pensar o ser é a alternativa, pois faz surgir uma realidade não objetivante, mas uma realidade existencial para o *dasein*, um estado divinizante. Nesse sentido Heidegger propõe uma nova abordagem de religião ao ditar que o ser não é uma entidade ou um Deus-Objeto da razão ou da imaginação. O Deus da razão terá que desaparecer para que o ser possa se mostrar⁴. Heidegger, quando diz em *Que é Metafísica?* Que “o ser não é pensado em sua essência desveladora, isto é, em sua verdade”⁵, deixa claro que a Filosofia, ao se ocupar preponderantemente do ente, afasta-nos da recepção da verdade do ser. Neste sentido, Heidegger diz que a verdade do ser é experienciada fora da metafísica: “(...) na

³ HEIDEGGER. *Sobre o Humanismo*, in Os Pensadores, 1984, p. 158.

⁴ Cf. SAFRANSKI. *Heidegger, Um Mestre da Alemanha*, 2005, p. 365.

⁵ HEIDEGGER. *Que é Metafísica?* in Os Pensadores, 1973, p. 253

medida em que um pensamento procura pensar na própria verdade do ser, em vez de apenas representar o ente enquanto ente, ele abandonou, de certa maneira, a metafísica” ⁶. Pensar na própria verdade do ser é, pois, exercer o pensamento contemplativo onde a metafísica é abolida.

O tipo de pensamento que usualmente nos ocorre é o pensamento calculador (*das rechnende Denken*). É o tipo de pensamento dos cientistas e dos economistas; é o que calcula, planeja e investiga para alcançar metas; serve para propósitos específicos; considera e põe em práticas novas e diferentes possibilidades de desenvolvimento. É o pensamento superficial, afeito às tarefas quotidianas do fazer, da técnica, como capacidade de organizar o mundo num processo calculador e com isso há o ocultamento do ser. Tem a capacidade de absorver completamente nossa energia e atenção sem deixar espaço para a essência do pensar, o pensar profundo, contemplativo. Esse pensamento calculador visa dominar e manipular situações para um proveito imediato de satisfação pessoal. Mas, isto não quer dizer que o *dasein* humano esteja desprovido de sua natureza essencialmente contemplativa. Exercer o pensamento profundo é vivenciar aquilo que reina em tudo o que é: a essência da existência, ser. No dizer de Heidegger: “*Se o ser atinge um pensamento e o modo como o consegue, põe-no em marcha para sua matriz que vem do próprio ser, para, desta maneira, corresponder ao ser enquanto tal*” ⁷.

Esse pensamento meditativo faz parte do ser-aí humano, mas precisa ser despertado. O pensamento meditativo significa observar, ponderar, envolver-se com o que está mais próximo a nós e em nós. Não significa estar separado da realidade ou flutuando inconsciente acima da realidade. Não é um pensar inútil como que descartado para os nossos afazeres e negócios. Mas, quando nos afastamos ou sufocamos o pensamento contemplativo e o pensamento calculador sobressai com seu aspecto prático de envolver-se com as coisas do mundo, com a técnica, então há somente um direcionamento para o desenvolvimento tecnológico com poder de oferecer ao homem uma sensação ilusória de satisfação que, no entanto, não consegue nutri-lo da excelência do ser. O pensamento calculador, separado do pensamento contemplativo é incapaz de aliviar a contento os problemas humanos. É próprio do pensamento calculador organizar, manipular e dominar. Ele obscurece o que está mais próximo de nós: a originalidade do ser, a harmonia luminosa do ser.

Heidegger recorre à palavra *Gelassenheit* de como podemos deixar-nos absorver no pensamento profundo ou contemplativo. A palavra *Gelassenheit* deriva da palavra alemã *lassen* (deixar ser, abandonar, desistir de algo). Heidegger toma *Gelassenheit* como à essência do pensamento futuro, não pertencente ao reino do calcular e do querer. A questão da essência do pensamento, em termos de *Gelassenheit*, é a questão sobre a essência do pensar como um não-querer (*nicht-wollen*). ‘*Eu quero não-querer*’ é o primeiro passo de *Gelassenheit*. ‘*Eu quero não-querer*’ significa eu ‘*voluntariamente renuncio querer*’. É a renúncia onde deixamos para trás a

⁶ Ibidem, p. 254

⁷ Ibidem, p. 254.

esfera do querer, onde o homem, como com Eckart, não tem querer algum. É um despertar (*erwachen*) para a renúncia de não-querer, no sentido de ficar despertos para a *Gelassenheit* (*wachenbleiben für die Gelassenheit*), deixar ir o querer e abandonar-nos na *Gelassenheit* sem forçar-nos através de alguma ação. Mas, saber o que *Gelassenheit* significa é preciso que ela mesma se permita ser. Não somos nós que provocamos esse despertar. É algo diferente. De algum outro lugar a *Gelassenheit* é chamada a ser. A nós cabe ficar despertos e presenciar seu acontecimento. Assim, quando o homem se abre, na espera, para ser, acontece a *Gelassenheit*. *Gelassenheit* não é algo que se descreve, mas antes de tudo, algo que se experiencia e isto tem que ser descoberto e aprendido⁸.

2. O último deus ou novo começo

A revelação do seer (*seyn*) mostra-se como o último Deus ou novo começo, ou ao menos seus vestígios. Somente quando deixamos de ser metafísicos podemos constatar: “*com essa consciência-conhecimento de ser, pensar alcança pela primeira vez o traço do outro começo quando se sai fora da metafísica*”⁹. Portanto, abolir a metafísica e conhecer o deus do novo começo, da era pós-metafísica, tem um significado temporal e historial. “*Este deus é somente como momento decisivo de seu passamento futuro*”¹⁰, não se manifesta como algo presente, atual, mas apenas como uma insinuação em que algo se dá a conhecer de passagem. Neste novo começo apresenta-se a dificuldade de se conhecer este novo deus, pois não é mais concebido como pessoal ou como reverenciado pelas massas em sua transcendentalidade, mas na solidão do ‘espaço’ do ser em si mesmo. É uma experiência do ser como um evento apropriador, ou seja, a experiência da revelação da verdade do seer. Isso tem a ver com a finitude do ser como um ser para a morte. Assim como entendemos esse passar do ser na morte, assim também é a finitude radical do ser em si na insinuação do último deus. É o contrário da idéia do Deus cristão como infinito e eterno em contraste com a finitude de sua criação. O deus de Heidegger é entendido como evento apropriador do ser, temporal e historialmente, portanto, uma insinuação e nada mais que uma insinuação do último deus propiciando o novo começo. Por insinuação, Heidegger quer dizer que algo se dá à significação, algo está para ser entendido, um indício do que virá. A insinuação do último deus refere-se à historialidade do *dasein* e ser.

Assim, a noção do último deus refere-se ao momento de decisão em que a experiência de sua passagem abre espaço para outras possibilidades de ser. Assim como em *Ser e Tempo* a morte apresenta-se como manifestação do ser para a possibilidade, assim apresenta-se a passagem do

⁸ Cf. DALLE PEZZE, **Heidegger on Gelassenheit**, 2006, p. 94-101.

⁹ VEDDER, Ben, **Heidegger's Philosophy of Religion**, 2006, p. 173.

¹⁰ Ibidem, p. 174.

último deus “*não como fim, mas como outro começo de possibilidades incomensuráveis para nossa história, em contraste com a história de nosso progresso que nada mais é do que a repetição daquilo que veio antes, sem possibilidades*”¹¹. A passagem do último deus abre a perspectiva do possível. É em termos de possibilidade que o ser deverá ser tomado, como pensamento de outro começo. Na metafísica (tradicional) do primeiro começo, o ser é entificado e tem sido tomado como ponto de partida e fim para determinação do ser. Agora, no novo começo, o ser não é uma presença ou atualidade, mas uma possibilidade como evento apropriador, e isso implica abandonar a metafísica e o pensamento calculador para que o ser se manifeste ao *dasein* como possibilidade. “*Ser, como lugar para o divino e o humano, é uma abundância de possibilidades*”¹².

Nesta tarefa de cuidar da possibilidade do possível, *dasein* deve ultrapassar sua condição de *animal racional* como que se envolvendo apenas no pensamento calculador. Do pensamento calculador deverá passar para o pensamento profundo (*Gedankenlosigkeit*) como atitude de espera em abertura, e esta performance está destinada a poucos insólitos (*Vorläufer*) que, tomando a dianteira, têm a experiência do último deus se insinuando. *dasein*, ao estar aberto ao momento da passagem do deus, experiencia a verdade do ser como evento apropriador. Essa experiência da passagem do deus é sempre um momento de possibilidade de ver algo novo, uma diferente possibilidade daquela que se realiza e se atualiza no primeiro começo (na metafísica tradicional). Somente poucos podem fazer essa experiência e ver um novo começo, porque no momento da transição do último deus, esvai-se a mais alta motivação transcendental do homem e mostra-se ser mortal. Eles são os *Zukünftigen* (os futuristas) que no silêncio testemunham a verdade sendo impelida para sua origem, fora da confusão de toda correção calculadora. É o fim do pensar calculador.

O último deus é, pois, temporal. Essa temporalidade é entendida da perspectiva do ser como um evento apropriador, daí a passagem do último deus como transição essencial momentânea e historial não como um fim, mas oferecendo a possibilidade de um começo. Para Heidegger os deuses são expressão da finitude humana, estão, pois envolvidos com a historialidade do ser humano, não aparecem após a morte, mas através dela como inerente ao *dasein*. A finitude do ser é a verdadeira face da ultimidade do deus. Ele é marcado pela morte. Não similarmente à morte do Deus cristão que salva a humanidade com a promessa de uma eternidade beatificante, pois este já não existe mais, mas morte como possibilidade que não pode ser levada avante, que não tem um além. O *dasein* habita no ser e é por isso que tem o privilégio de se defrontar com a morte que é a testemunha maior do ser. Portanto, o último deus não se tornou humano como o Deus

¹¹ Ibidem, p. 177.

¹² Ibidem, p. 178.

cristão, mas antes os homens recebem sua essência historial na transição do último deus que é uma não presença.

O que Heidegger delinea com a vinda do último deus é essa experiência de temporalidade; assim como *Dasein* tem a experiência da antecipação da morte, essa vinda do último deus, pois, é a experiência da antecipação do que está por vir, e toda e qualquer orientação nesta antecipação torna-se nula quando supõe algo como dado ou real. Os *insólitos*, ou *fazedores de abismos* (*Zukünftigen*), não antecipam nada real ou presente, mas algo possível que ainda esteja por decidir. É neste sentido que a essência do divino da transição se dá ao *dasein* numa insinuação, isto é, em algo que deve ser interpretado do qual não se tem certeza o que é, e que é provisório ou temporal. A insinuação é de tal maneira passageira que, ao se dar ao *dasein* como divino, se retrai como que inapreensível e indisponível. Essa experiência do divino, ao contrário da metafísica, não é uma experiência pessoal ou das massas, mas se dá somente no abismo do ser. Esse encontro de deus e homem no centro do ser não é alcançável pela metafísica.

O que Heidegger elaborou no *Beiträge* denota que o homem espera por um deus. Mas, no fundo, é deus que espera por uma mudança: a fundamentação da verdade do ser; e o homem, como *dasein*, assume o ser como moradia. São poucos os que têm noção desse novo começo que está em marcha, são os *Vorläufer* que se entregam à transição do último deus para o outro começo. A filosofia de Heidegger, então, nos propõe uma preparação para o momento da insinuação dos deuses, sem a pretensão de querer decidir sobre se homem e deus responderão historialmente um ao outro. Somente poucos sabem que o último deus não é um deus objetificável da metafísica, mas fundação da verdade do ser como um evento apropriador e, portanto, espera que o homem assuma ser *dasein*, ou seja, o ser-aí como pastor do ser. Essa poderia ser considerada uma teologia completamente historial, pois seu objeto é historial: um deus passante, a historialidade do ser, que implica a historialidade de um deus. Por isso, não uma teologia que tem como objeto uma entidade suprema ou causa primeira, pois onde se apregoa tal teologia há a fuga dos deuses. Precisamos aprender a pensar um ser de deus, assim como também sua verdade como um passar. Quem ou o que é esse deus? Não é mais o Deus da metafísica, o Deus cristão, mas uma mística do ser.

3. Heidegger e Eckart

John Caputo, em *The Mystical Element in Heidegger's Thought*, faz um paralelo entre o pensamento de Heidegger e a Mística de Eckart com o intuito de encontrar alguma semelhança, isto é, se o questionamento do ser em Heidegger pode ser considerado uma mística. Ambos convidam o ser humano para um abrir-se à presença de algo que o ultrapassa e do qual recebe sua essência. O acesso a essa presença não é uma conquista, mas deixar que esse algo irrompa pelo simples fato de um abrir-se em espera. O termo que Eckart utiliza para expressar essa espera, esse

‘deixar ser’, é *Gelassenheit*, e que Heidegger, como vimos acima, se apropria para expressar o pensamento profundo ou pensamento contemplativo de espera. Para Eckart, é deixar Deus ser Deus, e para Heidegger, deixar o ser seer (*verdade*). Em Eckart temos o misticismo religioso, e, em Heidegger, o pensamento do ser.

Assim como em Eckart o misticismo foi uma quebra de sentido da metafísica escolástica de seu tempo e abriu-se para um novo reino, o reino da inefabilidade mística, também em Heidegger o pensamento ultrapassa a metafísica dos tempos modernos, ou a ontologia da tecnologia, para fixar-se no pensamento em si. Para Heidegger, pensar não é filosofar (*metafísica*), mas envolver-se com o que a filosofia não dá conta, ou seja, deixar-se envolver pelo poético ou místico onde o ser faz sua moradia. A profundidade do pensamento, pois, parece remeter a um genuíno misticismo. Assim, o caminho do pensamento (*Denkweg*) é um itinerário místico para o ser como tal. A característica mais relevante entre o misticismo de Eckart e o *Denkweg* de Heidegger é o problema do ‘nada’ (*das nichts*). Este tema é desenvolvido em Eckart na obra *O Desapego (abgeschiedenheit)* e em Heidegger *Que é Metafísica?* Ambos interessam-se pelo problema do nada que é mais do que o simples nulo ou vazio.

Desapego para Eckart é estar desapegado de si e de bens materiais, portanto, vazio de todo conteúdo criatural, contentar-se com o nada que é o estado de Deus, Ele mesmo o *Ens Separatissimum* de todas as criaturas no sentido de ser a Substância mais elevada, totalmente outro de tudo que é criado, não necessitando nada extra si: “*estar vazio de todas as criaturas é estar cheio de Deus, e estar cheio de criaturas é estar vazio de Deus*”¹³. Desapego é ser pobre em espírito em que se abandona (*überlassen*) tudo a favor de Deus. Em Heidegger, o nada é estar separado dos entes. O nada não é uma coisa. É antes uma coisa experienciada, um algo no qual mergulhamos e que nos afasta da preocupação do ‘o que é’, portanto, nos desliga da esfera das coisas.

Em suma, para Eckart, Deus, como o Nada, significa subsistir na pura separação (*Abgeschiedenheit*) das criaturas, é um Pleno de si, mas um Vazio (um nada) de criaturas. Para Heidegger, o nada é fundamentalmente ser diferenciado (*unter-schieden*) dos entes; mas, o nada não é algo aparte dos entes, pertence à essência do ente. Portanto, o nada é o mesmo que ser. “*O nada não é nem um objeto, nem um ente. O nada não acontece nem para si mesmo, nem ao lado do ente ao qual, por assim dizer, aderiria. O nada é a possibilitação da revelação do ente enquanto tal para o ser-aí humano. O nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente à essência mesma (do ser). No ser do ente acontece o nadificar do nada*”¹⁴. A relação Deus/alma em Eckart é análoga a *ser/dasein* em Heidegger. O Deus de Eckart toma a iniciativa de possuir a alma, e em Heidegger o ser também toma a iniciativa para revelar-se ao

¹³ CAPUTO, *The Mystical Element in Heidegger's Thought*, 1986, p. 13

¹⁴ HEIDEGGER. *Que é Metafísica?* In: *Os Pensadores*, 1973, p. 239.

dasein. Assim como a alma é receptiva para Deus, assim o *dasein* faz a abertura para o ser. A diferença está em que a união mística com Deus em Eckart se dá pela purificação e divinização da alma através do amor. Em Heidegger acontece a *Ereignis*, ou seja, o evento apropriador do *seer* (*da verdade*), em que a verdade do ser acontece ao *dasein*.

Heidegger foi um estudioso de Eckart e a grande influência que dele herdou foi justamente ajustar-se ao pensamento profundo ou meditativo que Eckart tão preciosamente cultivava: meditar a realidade de Deus e deixar-se imbuir nela. Heidegger chama a Eckart de mestre do pensamento, um pensador profundo de quem o reinado da tecnologia atual tem muito a aprender. Nem Eckart e Heidegger falam do homem. Há algo que é mais importante no ser humano que o transcende. Falam do fundamento do seu mais verdadeiro ser e de sua natureza essencial: o ser primordial (*Wesen*). Para Eckart, um 'lugar' onde Deus e alma se unem; para Heidegger, onde o ser encontra um 'lugar' para acontecer: *Dasein*.

O fundamento da alma em Eckart não é uma coisa, uma espécie de ente, mas o lugar no qual Deus se revela a si mesmo assim como Ele é no seu mais verdadeiro ser. *Dasein* em Heidegger também não é meramente um ente, (...) mas *Dasein* é primariamente uma relação (*Ver-hältnis*) com o Ser como tal. *Dasein* não é algo que o homem possui uma propriedade ou característica do homem, mas algo que possui o homem e faz possível o homem se relacionar com os outros seres¹⁵.

Assim, tendo ambos uma similaridade na concepção do verdadeiro ser do homem, pode-se falar da necessidade de o ser humano voltar-se para a sua essência mais íntima. O homem já é *dasein* e sua tarefa é tornar-se o que ele é, isto é, tomá-lo de novo e fazê-lo verdadeiramente seu. Da mesma maneira Eckart pede à alma para ficar em sua morada, isto é, tornar sua residência a sua intimidade. Chegamos, então, agora à encruzilhada: o questionamento do ser em Heidegger é misticismo? Para Caputo, não. O *pensar-o-ser* de Heidegger, diz ele, não tem nada a ver com misticismo. Caputo traz à luz alguns argumentos para refutar o pretense misticismo de Heidegger pela experiência do ser. Em primeiro lugar, é uma experiência com linguagem.

Enquanto Eckart se refere a uma palavra originária (*verbum*) como uma linguagem do silêncio pronunciada na eternidade e que as palavras humanas são apenas imagens da palavra eterna, Heidegger, embora considere o silêncio como a condição da autêntica linguagem, quer trazer o ser para dentro da linguagem, quer uma estrutura lingüística para expressar o ser. Heidegger não quer abolir a linguagem em prol do silêncio interior. É nesse sentido que adere à linguagem dos poetas que cantam o mundo e prenunciam o Ser. A experiência do ser em Heidegger é uma experiência com o tempo e é historial. O Deus de Eckart é eterno, atemporal, imutável e uno cuja realidade eterna e atemporal a alma está apta a alcançar ao realizar a união com Deus. Heidegger considera esse estado místico de Eckart metafísica, ao fazer do tempo uma imagem de

¹⁵ CAPUTO, *The Mystical Element in Heidegger's Thought*, 1986, p. 158.

eternidade. Heidegger não pensa em termos de eternidade, mas de tempo. Tempo entendido como evento apropriador (*Ereignis*), ou a história do ser que acontece neste mundo e não é encontrado em outro mundo. Heidegger também elimina qualquer dimensão ética ou moral em seu pensamento do ser. Não há uma preocupação nele em erradicar as paixões humanas, o egocentrismo, primar pela justiça, pela caridade com os semelhantes, etc. Caputo resume assim a pretensa mística de Heidegger:

A melhor coisa que poderíamos fazer com o pensamento de Heidegger é não categorizá-lo, deixá-lo ser e chamá-lo, se necessitamos de denominá-lo – como o próprio Heidegger o chama – de pensamento (*Denken*), sem querer reduzi-lo a outra coisa. Se o chamamos de misticismo, ou um misticismo do ser, estaremos desqualificando a experiência de Heidegger, e estaremos mais inclinados ao mal entendido do que nos ser útil. Pois, não há nenhum Deus nesta mística, não há nenhuma eternidade e nenhum apelo a um silêncio místico, como um desapego, e portanto, não pressupõe purificação moral. Há, ao invés disso, um pensamento por um tempo de uma necessidade – a era do átomo –, um pensamento que pensa em harmonia com os poetas¹⁶.

Mas, opino que Heidegger, sim, dá asas a uma mística do ser, não uma mística de tradição religiosa nos moldes de Eckart, mas uma mística do pensar-o-ser, pois pensar o ser é deixar-se (*Gelassenheit*) inserir numa totalidade toda abrangente que não somos capazes de expressar adequadamente pela linguagem ordinária racional-lógica. É antes uma experiência de abertura em atitude de espera em que a verdade do *seer* se revela e ao mesmo tempo se vela ao pensá-lo objetivamente. Neste sentido é uma mística diferente da de Eckart que tem como fundamento o Ser Transcendente Eterno que se revela ao ser humano quando há uma relação de amor e lhe transfere as mesmas prerrogativas de eternidade. Em Heidegger a verdade do ser se revela na existência historial do *dasein* sem se dar conta de uma eternidade. É simplesmente a essencialização da existência do *dasein* às voltas com sua vivência mundanizante. Heidegger ao se propor o questionamento do ser, embora não esteja interessado em um Deus transcendental, mas na história do ser, procura preparar o clarão que deve ser feito na história humana para o evento do *seer*. Embora não se interesse pela imortalidade e espiritualidade da alma; pela preexistência das coisas na mente de Deus, que são idéias centrais para Eckart; por um criador ou primeira causa dos seres dos entes, podemos, entretanto, dizer que há aí uma mística do ser sem pretensão transcendental. Uma mística da era atual, a única talvez de frear o rumo sem sentido do desenvolvimento tecnológico. Não considera a tecnologia como fonte do mal, mas simplesmente um obscurecimento da verdade do ser. A mística do ser de Heidegger é pensar o ser fora do pensamento calculador; é fazer uma Filosofia sem colocar fundamentos para o ser; não há um porquê, uma resposta pelo questionamento do ser. No dizer de Hebeche em *Terra do Nunca*, “o que está por trás do perguntar é a verdade do *seer*. Mas, a essência do perguntar é uma ausência de respostas e é simplesmente um esperar desprezioso pelo oculto. E quem está apto a essa

¹⁶ Ibidem, p. 238

*missão? São os insólitos, pois... são os que têm experiência da maior solidão que é o preço que pagam para poder pensar a nobreza e singularidade do seer*¹⁷. O ser é *Ereignis*, um evento apropriador que essencializa a existência do *dasein* humano ao se abrir ao ser. O poema *A Rosa* de Ângelus Silesius é sugestivo nesse sentido. *A rosa é sem um porquê, ela floresce pelo fato de florescer. Ela não dá atenção a si mesma, não pergunta se a gente a vê.* Ela apenas é abertura.

Conclusão:

Assim, podemos concluir que Heidegger direcionou-se a uma mística (inefabibilidade do ser), em sua segunda fase filosófica, ao mostrar-nos a riqueza ímpar que a senda da noite silenciosa e velada representa para o *dasein* quando, em atitude de abertura e espera, o acontecimento da verdade do ser (*Ereignis*) irrompe, e o brilho esplendoroso de seu ocultamento sacia a busca de sentido (do ser). É inusitada a inquirição do jovem Heidegger a respeito do ser, apesar de a tradição filosófica ter se ocupado ao longo de toda sua história. Ele enveredou-se no caminho árduo de volta (*Khere*) ao pensamento grego e retomar a jornada que o levasse ao sentido do ser. Mas, logo percebeu que esta via aos poucos se afunilava até coincidir com o obstáculo final: a barreira da noite escura e veladora do ser. É a partir daí que o velho Heidegger nos direciona através do caminho do pensamento profundo (*Denkweg*), e nos convida a uma atitude de abertura e espera da *Ereignis* sem nada querer, nem mesmo querer o querer. Assim, não haveria um apossamento da essência do pensamento, mas uma liberação para a essência do pensamento. Porque, se quisermos a essência permaneceríamos no nível do pensamento calculador, haveria uma intencionalidade em que o pensamento almeja um querer.

Ao contrário, o pensamento contemplativo, ao renunciar ao apossamento da essência, coloca-se numa atitude de liberação para a essência. O querer ambicioso dos seres humanos de apoderar-se de essências, na esfera das ciências, propiciaram importantes avanços culturais e científicos, e nos introduziram na era da tecnologia, mas que ofusca ou impede a liberação para a natureza do pensamento profundo. O pensamento profundo é simplesmente ser: envolver-se com a realidade do ser, concentrar-se no *sum*, abrir-se ao ser e silenciar. É nesse sentido que Heidegger sujeita-se ao cultivo do silêncio do pensamento profundo ou meditativo, pois *a proximidade com o deus ultimo é o silenciar*¹⁸.

Em *A Terra do Nunca* Hebeche escreve: *Não se trata, portanto, de um silêncio confundido com a lassidão, mas de um silêncio que resulta do lidar com o abismoso. O que já fora considerado pelo jovem Heidegger é agora reinterpretado a partir da verdade do seer; isto é,*

¹⁷ HEBECHE, 2009, *A Terra do Nunca*, p. 65.

¹⁸ Cf. SAFRANSKI, R. *Heidegger, Um Mestre da Alemanha*, 2005, p. 366

invocam-se novamente os caminhos místicos (São Bernardo, Mestre Eckart, Tauler) e dramaturgicos (Paulo, Agostinho, Pascal, Kierkegaard), mas a filosofia como estremecimento revela-se, ao fim e ao cabo, a partir do silêncio meditativo não a respeito de Deus, mas do seer. E tampouco se trata de um silêncio conclusivo, mas da meditação cujo silenciar garante a abertura da verdade do seer¹⁹.

Referências

- CAPUTO, J.D. **The Mystical Element in Heidegger's Thought**, 1986, Fordham University Press, N.Y.
- DALLE PEZZE, B. **Heidegger on Gelassenheit**, *Minerva – An Internet Journal of Philosophy* 10 (2006): 94-122
- HEIDEGGER, M. **Que é Metafísica?** Os Pensadores, 1973, Abril, SP.
- _____. **Sobre o Humanismo**, São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Col. Os Pensadores).
- HEBECHE, L. **A Terra do Nunca** (considerações sobre *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger), 2009, UFSC.
- SAFRANSKI, R. **Heidegger, Um Mestre da Alemanha**, 2005, Geração Ed., BR.
- VEDDER, B. **Heidegger's Philosophy of Religion – From God to the Gods**. 2006, Duquense University Press, Pittsburgh, Pennsylvania.

¹⁹ HEBECHE, L. **A Terra do Nunca**, p. 63